

DANIEL R. MITCHELL

EDITADO POR
MAL COUCH & ED HINDSON

1 CORÍNTIOS



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

1 CORÍNTIOS

DANIEL R. MITCHELL

1 CORÍNTIOS

TRADUÇÃO
DORIS KÖRBER

1ª EDIÇÃO
2022



The Book of First Corinthians
Copyright © 2004 by Scofield Ministries
Published by AMG Publishers
6815 Shallowford Road
Chattanooga, TN 37421

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2020 por Chamada

1ª Edição – Maio/2022

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Doris Körber*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e*

Rômulo Spier do Nascimento

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Usado com permissão. www.sbb.org.br

Passagens da Escritura marcadas como NVI foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como BKJ foram extraídas da Bíblia Sagrada, Versão BKJ Fiel 1611, copyright © 2015 por BV Films Editora. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como ARA foram extraídas da Tradução de João Ferreira de Almeida – 2ª Versão Revista e Atualizada®, copyright © 1993 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como ARC foram extraídas da Almeida Revista e Corrigida (ARC), copyright © 2009 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai

CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3241-5050

www.chamada.com.br

pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

-
- M681 Mitchell, Daniel R.
1Coríntios / Daniel R. Mitchell ; tradução Doris Körber. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2022.
456 p. ; 21 cm.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-89505-19-8
1. Bíblia. N.T. Coríntios, 1 – Comentários. 2. Bíblia. N.T. Coríntios – Compêndios.
3. Bíblia – Estudo e ensino. I. Körber, Doris. II. Título.

CDD23: 227.207

*À minha esposa, Nancy,
que me deu
“o melhor presente”*

*E a Douglas B. MacCorkle,
já com o Senhor,
pastor, professor, mentor, amigo
que me ensinou a alegria da descoberta*

SUMÁRIO

Prefácio	9
Introdução.....	11

Parte I - Repreensão: Peça-lhes, irmãos

1. À igreja de Deus que está em Corinto (1.1-9).....	37
2. Lidando com divisões (1.10-31)	51
3. Desenvolvendo verdadeira espiritualidade (2.1-16).....	73
4. Desenvolvendo maturidade (3.1-23).....	95
5. Em defesa da liderança serva (4.1-21)	121

Parte II - Correção: E vocês andam cheios de orgulho

6. Lidando com a imoralidade (5.1-13)	145
7. Processando um cristão (6.1-11).....	165
8. Todas as coisas me são lícitas? (6.12-20)	179

Parte III - Instrução: Não quero que vocês sejam ignorantes

9. Sobre o casamento (7.1-40).....	199
10. Sobre a liberdade cristã: o princípio (8.1-13)	219
11. Sobre a liberdade cristã: o retrato (9.1-27)	239
12. Sobre a liberdade cristã: a prática (10.1-11.1)	259
13. Sobre a adoração (11.2-34).....	281
14. Sobre os dons espirituais (12.1-31).....	315
15. Dons existem para amar o corpo (13.1-13)	345
16. Dons existem para servir ao corpo (14.1-40).....	357

Parte IV - Ensino: Eis que vou lhes revelar um mistério

17. A ressurreição (**15.1-58**).....381

18. Uma porta grande se abriu (**16.1-24**)..... 423

Bibliografia 435

Índice de textos bíblicos 439

PREFÁCIO

O Novo Testamento tem guiado a igreja cristã há mais de dois mil anos. Ele é composto por 27 livros, escritos por homens de Deus por meio da inspiração do Espírito Santo. Ele nos fala a respeito da vida de Jesus Cristo, da sua morte expiatória por nossos pecados, da sua ressurreição milagrosa, de sua ascensão ao céu e da promessa de sua segunda vinda. Também relata a história do nascimento e do crescimento da igreja e das pessoas e princípios que a moldaram nesses dias iniciais. O Novo Testamento se encerra com o livro de Apocalipse, que aponta para o futuro, para o glorioso retorno de Jesus Cristo.

Sem o Novo Testamento, a mensagem da Bíblia estaria incompleta. O Antigo Testamento enfatiza a promessa da vinda de um Messias. Ele aponta constantemente para aquele que vem para ser rei de Israel e salvador do mundo. Mas o Antigo Testamento termina antes que esse acontecimento se cumpra. Todas as suas cerimônias, imagens, tipos e profecias ficam pendentes, à espera da chegada do “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29).

A mensagem do Novo Testamento representa a verdade atemporal de Deus. À medida que cada geração busca aplicar essa verdade a seu contexto específico, é preciso que sejam escritos comentários atualizados para cada uma. Esse é o objetivo deste comentário de 1Coríntios, originariamente publicado na *Twenty-First Century Biblical Commentary Series* [Série de comentários bíblicos do século XXI]. Os editores da série e o autor do presente comentário são conservadores, evangélicos e dispensacionalistas, e estão convencidos de que o Antigo e

o Novo Testamentos apresentam uma estrutura dispensacionalista da história bíblica. Eles também têm uma visão pré-tribulacionista e pré-milenarista da profecia bíblica.

O estudioso francês René Pache lembra cada uma das diferentes gerações: “Para que o poder do Espírito Santo se manifeste novamente entre nós, é primordial que sua mensagem recupere o seu lugar de direito. Então, seremos capazes de colocar o inimigo em fuga pela espada do Espírito, que é a Palavra de Deus”.

A igreja em Corinto estava longe do modelo ideal de uma igreja apostólica do primeiro século. Havia sido plantada em uma das cidades mais difíceis e desafiadoras do mundo romano. Foi a essa jovem e florescente igreja, com todo o seu potencial e todos os seus problemas, que Paulo escreveu sua primeira carta aos Coríntios. Leon Morris observa: “Temos aqui uma típica carta paulina. O apóstolo elogia seus leitores por sua virtude cristã e repreende-os rigorosamente por suas muitas falhas”.

Os desafios enfrentados pela nova comunidade de crentes em Corinto não são diferentes daqueles que estão diante da igreja do século XXI. Ao falar com eles sobre assuntos como fé, vida e ministério cristãos, o grande apóstolo fala em alto e bom som também conosco. Assim, ele nos lembraria do evangelho “por meio d[o qual] vocês também são salvos” (15.2). Em seguida, desafiaria os representantes de nossa geração a ser “firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor” (15.58).

Mal Couch e Ed Hindson

INTRODUÇÃO

O desafio fundamental que Paulo enfrentava aonde quer que levasse o evangelho era este: “Como aqueles que foram chamados para pertencer a Cristo podem se manter fiéis ao seu novo Senhor ao mesmo tempo que precisam continuar participando, de tantas formas, da presente era?”¹ Terá havido, em alguma época, igreja que não tenha lutado com essa questão? Ao longo dos séculos, as respostas dos cristãos a esse desafio foram de um extremo a outro. Por um lado, há a tentação de simplesmente se *isolar*. Na Antiguidade, o monge eremita egípcio Antônio optou por essa atraente alternativa. E alguns em Corinto pensavam que era isso que Paulo ensinava (cf. 1Co 5.9-13). Esse ensino não apenas foi rejeitado pelo apóstolo, como o próprio bom senso nos diz que esse nunca poderia ser um meio consistentemente eficiente para cumprir a Grande Comissão. Essa forma de separatismo extremo existe até hoje em muitas manifestações, de grupos farisaicos e sectários a sociedades inteiras isoladas do mundo à sua volta.

O extremo oposto é tentar criar o reino de Deus na terra e, com ele, tentar substituir todos os sistemas humanos de governo. Seguindo Agostinho, muitos buscaram obliterar o “reino do mundo” estabelecendo universalmente o “reino de Deus” por toda a terra. Muitos teonomistas, pós-milenaristas e amilenaristas modernos continuam seguindo

1 V. P. Furnish, “Paul and the Corinthians”, *Interpretation* 52, n° 3 (jul. 1998), p. 231.

esse ensino equivocado. Ele é equivocado por duas razões principais: em primeiro lugar, é impossível estabelecer o reino de Deus sem o *Rei*. Uma leitura simples e direta de passagens proféticas do Novo Testamento, como o discurso do monte das Oliveiras (Mt 24–25), 1Coríntios 15 ou Apocalipse 20, deixa isso claro. Textos como esses dificilmente permitem qualquer outra conclusão que não o fato de que o reino messiânico universal só será ou poderá ser estabelecido depois do retorno de Cristo à terra. Mais que isso, no entanto, ensinamentos assim contradizem o exemplo e a doutrina claros de Cristo, que não exigiu que a humanidade caísse até ele. Antes, ele veio a *nós*. E, da mesma forma que foi enviado por seu Pai, ele também enviou seus seguidores ao mundo. “*No* mundo, mas não *do* mundo” – este é o princípio ensinado por Jesus. É esse último ponto que Paulo enfatiza em sua carta aos coríntios. Não somos chamados para “sair do mundo” (5.10), nem temos o reino presente, de forma que possamos ser “reis” (veja 4.8). Em vez disso, somos “santos”, atraídos para a comunhão com o Cristo crucificado e chamados para ser agentes do seu amor em um mundo perdido e pecaminoso.

Foi exatamente com essa questão que a comunidade incipiente de Corinto se debatia. Que essa era uma grande preocupação para eles e para Paulo, seu pai espiritual, fica evidente no fato de que um terço de 1Coríntios é dedicado a esse tema, e quase metade de 2Coríntios concentra-se em mais instruções relacionadas ao assunto.

Uma vez que essas questões práticas acompanham a igreja desde seu nascimento até o século XXI, poderia haver

qualquer dúvida de sua importância e relevância para os cristãos de hoje? À medida que a igreja enfrenta novos desafios, questões como unidade da igreja, imoralidade sexual, casamento, divórcio, litígio, moderação, autoridade, dons espirituais e esperança são problemas que todo pastor enfrenta ao lidar com os assuntos rotineiros dos cristãos contemporâneos que continuam lutando para viver de forma pura em Corinto.

A segunda carta no bloco das epístolas paulinas, 1 Coríntios tanto complementa quanto contrasta a grande carta doutrinária que a antecede. Enquanto Romanos enfatiza questões de teologia bíblica, as cartas aos Coríntios preocupam-se com a teologia prática e sua aplicação a uma comunidade local específica. Isso, no entanto, não significa que Romanos não seja uma carta prática (como demonstram os capítulos 12-15). Também não se pretende sugerir que Paulo não tenha dado atenção à doutrina em 1 Coríntios. Na realidade, Paulo começa sua carta partindo de um ponto de referência *teológico*, baseando nele tudo o que tem a apresentar aos seus leitores. O que isso significa e como é possível ser igreja de Deus em Corinto?² Além disso, os trechos de instrução e doutrina nessa carta são mais longos do que alguns livros inteiros do Novo Testamento (observe em especial os capítulos 7-15).

Com isso em mente, o impulso predominante em 1 Coríntios é o de um pastor preocupado com o bem-estar espiritual de uma comunidade rebelde. E essa preocupação não

2 Ibid., p. 233.

parece equivocada, como mostra uma análise mais detalhada da cidade e da cultura de Corinto.

Corinto, antiga e nova

Corinto era um centro comercial próspero localizado em um istmo (com cerca de 6,5 km de largura) que ligava o Peloponeso ao norte da Grécia. Essa localização fazia com que se cruzassem ali rotas de viajantes e comerciantes tanto na direção norte-sul quanto na direção leste-oeste. Ela tinha dois portos; um deles (Lequeu) voltava-se para o oeste, em direção à Itália, e o outro (Cencreia) ficava voltado para a Ásia, a leste. A riqueza de Corinto vinha do transporte de navios de carga e barcos menores pelo istmo e dos impostos que os políticos impunham ao comércio.

A história da cidade na época de Paulo pode ser dividida em dois períodos – o *antigo* e o *novo*. A cidade antiga (que deu ao mundo a clássica coluna coríntia) foi fundada por volta de 1500 a.C. e destruída pelo general romano Lúcio Múmio em 146 a.C. Um século depois, a nova cidade foi reconstruída no mesmo lugar. A antiga cidade de Corinto adquiriu riqueza e fama no período das cidades-estado gregas. Era conhecida por sua cultura cosmopolita e seus templos luxuosos. O belo santuário de Afrodite ficava sobre um monte rochoso e cinzento ao sul da cidade (chamado de Acrocorinto). Visível do alto-mar, esse templo era atendido por mil jovens escravas que faziam jornada dupla como prostitutas cultuais e artistas de entretenimento

na vida noturna da cidade.³ A destruição da cidade antiga (junto com o saque de Cartago) foi, em grande parte, responsável pela ascensão de Roma à riqueza e ao poder.

A nova cidade foi construída em 46 a.C. por Júlio César e elevada à posição de colônia romana, sob o título *Colonia Laus Julia Corinthiensis*. Quando Paulo chegou a Corinto em 50-51 d.C., esta já era novamente uma metrópole próspera, capital da Acaia, sob o reinado do imperador Cláudio (41-54 d.C.) e governada pelo procônsul romano Lúcio Júnio Gálio.⁴ A população, muito diferente dos habitantes da cidade antiga (que tinha sido uma mistura de romanos, gregos e orientais), consistia, quase pela metade, em escravos. Essa rica cidade cosmopolita orgulhava-se de ser herdeira das glórias da Grécia antiga. “Seus muros cercavam uma área duas vezes e meia maior que a de Atenas. [...] Era

3 E. F. Harrison, *Introduction to the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1971), p. 267. Brian S. Rosner, “Temple Prostitution in 1 Corinthians 6:12-20”, *NovT* 40 (1998), n° 4, p. 336-351, argumentou, de forma convincente, que é impossível apoiar a ideia de que essas mulheres serviam aos interesses do culto no templo; antes, era mais provável que fossem incluídas nas festividades que se seguiam aos rituais religiosos. A “trindade profana” de comida, bebida e imoralidade sexual foi o principal alvo da repreensão de Paulo no capítulo 6. Veja tb. Bruce W. Winter, “Gluttony and Immorality at Elitist Banquets”, *Jian Dao: A Journal of Bible and Theology* 7 (1997), p. 77-90.

4 F. W. Grosheide, *Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, NIC (Grand Rapids: Eerdmans, 1953), p. 13, observa: “Uma inscrição em Delfos, encontrada por estudiosos, embora severamente danificada, registra claramente uma carta do imperador Cláudio concedendo uma série de privilégios à cidade de Delfos. O nome de Gálio [...] aparece nessa inscrição, junto com uma data. Por meio de complicados cálculos, que não precisam ser reproduzidos aqui, cronologistas concluíram que Gálio foi governador da Acaia na primeira parte do ano 52 d.C.”.

a mais importante em termos administrativos e comerciais e estava sempre cheia de agitação humana.”⁵

Ao aproximar-se da cidade, a primeira visão de Paulo teria sido a imponente colina de Acrocorinto, que se erguia sobre a cidade pelo lado sul e era coroada por muralhas fortificadas e um templo para Afrodite (Estrabão, *Geografia* 8.6.21). Para chegar ao fórum, repleto de referências à administração romana, precisaria passar por subúrbios muito dispersos. Havia inscrições latinas por toda parte. Um templo na encosta a oeste do fórum era dedicado à família Júlia, e outro era dedicado a Lívia, esposa de Augusto. No extremo leste, uma basílica romana abrigava os tribunais e, na ponta sul, em frente a uma longa fileira de lojas, de mais 150 metros de comprimento (a maior do império!), ficava o *bema* (“tribunal”), de onde o governador romano dirigia assuntos públicos oficiais (At 18.12-17).

Se Paulo esteve em Corinto na primavera de 49 ou 51 da era cristã, ele pode ter assistido aos Jogos Ístmicos. Esse era um dos quatro principais festivais pan-helênicos, realizado a cada dois anos junto ao santuário de Poseidon, no istmo. A recompensa para os vitoriosos nesses jogos era uma coroa de folhas, o que inspirou Paulo a comentar que esses atletas se esforçavam “para

5 John E. Stambaugh e David L. Balch, *The New Testament in Its Social Environment* (Filadélfia: Westminster, 1986), p. 157-158.

alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível” (1Co 9.25).⁶

A cidade conhecia todos os tipos de religião que sua sociedade pluralista lhe conseguia apresentar. Escavações na cidade revelaram santuários de seguidores de Dionísio, Asclépio, Demétrio e Core. Todos os anos, o culto a Ísis realizava, na primavera, uma procissão festiva em honra à deusa, indo de Corinto ao porto em Cencreia. “Ísis também era conhecida entre seus devotos como a deusa que concedia às mulheres poderes iguais aos homens.”⁷ Também havia ali uma sinagoga e um contingente razoável de judeus. O tratamento que Gálio dispensou ao líder da sinagoga (veja abaixo) em consequência da hostilidade demonstrada ao trabalho de Paulo e sua “nova religião” sugere que havia um prêmio significativo associado à aceitação de todas as linhas religiosas. O procônsul quis deixar muito claro que quaisquer outros esforços semelhantes àquele não seriam tolerados em seu tribunal.

Foi justamente por motivos como esses que o cristianismo pôde prosperar nas cidades daquela época. E foi exatamente pela mesma razão que não teve muito sucesso nas áreas rurais (o termo latino *pagan* significa “rural”, “campo”). Durante muitos séculos, as chamadas superstições “pagãs” (algo como “caipira” ou “interiorano”) que prevaleciam nas regiões mais distantes eram praticamente impe-

6 Ibid., p. 158.

7 Ibid., p. 159.

netráveis para novas ideias e ensinamentos religiosos. Já os habitantes das cidades tinham sido arrancados de suas pátrias e culturas antigas e agora estavam abertos a novas ideias e valores. Em ambientes assim, a igreja criava raízes. Ironicamente, nos dias de hoje, as áreas mais remotas nos Estados Unidos foram tão bem permeadas com o cristianismo que é nesse cerne rural que os valores bíblicos são conservados. Mesmo assim, o que Paulo sabia a respeito da receptividade dos moradores urbanos à sua mensagem continua sendo realidade, e faremos bem em considerar a importância estratégica de conservar um testemunho forte nas cidades do interior para disseminar o evangelho nos dias de hoje.

Os Jogos Ístmicos eram realizados no estádio em anos alternados. A popularidade dessa competição ficava atrás apenas das Olimpíadas. Essa cultura esportiva evidentemente influenciou Paulo durante sua estada prolongada, pois aqui e ali ele usa atletas e competições esportivas como metáforas em suas cartas (cf. 9.24-26; Gl 2.2; 5.7; Fp 2.16). O *bema*, usado por Gálio e em eventos esportivos, entrou para o vocabulário teológico para referir-se ao juízo final sobre os cristãos, bem conhecido nas Escrituras por meio das cartas de Paulo aos coríntios (cf. 1Co 3; 2Co 5).

Um teatro aberto com capacidade para vinte mil pessoas era a arena usada para os jogos de gladiadores e lutas com animais selvagens. Um teatro fechado menor (com capacidade para três mil pessoas) abrigava peças de teatro e concertos. Em um centro cultural desse porte, um testemunho forte do evangelho pode muito bem ser ouvido no mundo

inteiro. Não é à toa que Paulo se sentiu impelido a pregar em tal cidade.

Contudo, a depravação moral evidente na cidade inteira refletia de forma muito vívida a carência espiritual de Corinto. O mau caráter da antiga cidade transferiu-se para a cidade da época do Novo Testamento. O termo grego *korinthiazomai* (lit., “agir como coríntio”) tornou-se sinônimo de “fornicar”.⁸ Corinto era o paraíso dos marinheiros e uma latrina moral. Nessa Las Vegas da antiga Acaia, o divórcio era rotineiro, e o resultado dele em vidas quebradas ficava evidente até mesmo nos lares dos crentes.⁹ Mulheres “fáceis” percorriam as ruas, e a atmosfera moral estava poluída pelo cheiro sedutor do pecado. A cidade era famosa por tudo o que era depravado. Foi, sem dúvida, inspiração para o catálogo de pecados de Romanos 1.18-32 (que Paulo escreveu quando era hóspede de Gaio nessa cidade terrível). Era dessa lama suja de pecado que os convertidos de Paulo eram arrancados (cf. 1Co 6.9-11).

Estive entre vocês com fraqueza e temor

Paulo frequentemente era dado à autodepreciação, sugerindo que fisicamente não era nada especial (1Co 15.8; 2Co

8 Winter observa: “Peças de Filetero e Políoco [dramaturgos gregos do séc. IV a.C.] intituladas ‘O gigolô’ (*ho Korinthiastes*) também alimentavam a percepção a respeito da promiscuidade sexual proverbial sustentada pelos coríntios. O que normalmente não se nota é que essa evidência pertence à Corinto grega, não à Corinto romana” (“Gluttony and Immorality at Elitist Banquets”, p. 78).

9 J. S. Exell, *The Biblical Illustrator*, vol. 1, p. 379.

10.10; Gl 4.13-16). Uma antiga descrição, possivelmente datando da memória viva de quem o conheceu, retrata Paulo como “um homem de baixa estatura, calvo e com pernas tortas, em boas condições físicas, com sobrancelhas que se tocavam e um nariz um tanto curvo, cheio de amabilidade; pois ora parecia homem, ora tinha a face de um anjo”.¹⁰ A maioria dos artistas e escritores cristãos tendem a caracterizar Paulo com termos nada cortesês. Embora provavelmente nunca saibamos exatamente qual era sua aparência, fica evidente que a força da mensagem de Paulo não estava em sua presença física, mas na obra consumada de Jesus Cristo.

Lucas registra o início da igreja de Corinto em Atos 18.1-17. Paulo chegou à cidade no ano 50 d.C., depois de um esforço evangelístico muito infrutífero em Atenas (At 17.16-34). Muitos pensam que a experiência em Atenas influenciou a metodologia de Paulo quando ele seguiu para Corinto. De acordo com Lucas, Paulo teve apenas sucesso moderado ali. Será que Paulo considerava seus esforços como fracasso total? Em Corinto, seu uso da filosofia e po-

10 Essa descrição aparece em *Acts of Paul and Thecla*, analisada por Abraham J. Mahlerbe, “A Physical Description of Paul”, *Christians among Jews and Gentiles* (Filadélfia: Fortress Press, 1986), p. 170. Discute-se amplamente se essa passagem descreve com precisão uma figura histórica ou se seria uma representação idealizada. Embora não pareça descrever uma “beleza física” como normalmente entendemos hoje, Mahlerbe mostra que a maioria das características atribuídas a Paulo por Onesíforo também aparece em fisionomias antigas que descrevem pessoas de grande liderança, coragem, sabedoria, magnanimidade e até mesmo realeza, sem serem necessariamente “características nada lisonjeiras no contexto em que *Acts* foi escrito” (veja p. 170-175).

esia gregas, com as quais estava familiarizado, e dos ícones culturais de Atenas, deu lugar a uma verdade simples – *Cristo crucificado*.

Ao chegar em Corinto, Paulo *decidiu* (o termo grego *kri-no*, “julgar” ou “decidir”, sugere que o angustiado apóstolo refletiu cuidadosamente sobre o assunto e tomou uma decisão estratégica) não pregar nada além de “Jesus Cristo, e este, crucificado” (1Co 2.2). Aqui ele dependeria apenas do evangelho. E sobre esse único alicerce Deus edificaria uma comunidade próspera nessa cidade pagã. Pode não ser exagero sugerir que 1Coríntios 2.2 abre uma janela para dentro do coração desse grande missionário e de sua metodologia em evolução, formados por sua teologia e experiências. Nessa carta, ele se envolve em reflexão teológica permanente sobre o evangelho no que diz respeito a conhecer Cristo e torná-lo conhecido¹¹ em um ambiente hostil e estranho.

Provavelmente com o bolso quase vazio ao chegar, Paulo aceitou a hospitalidade de Áquila e Priscila, judeus piedosos que tinham sido exilados de Roma. Durante a semana, trabalhava com eles fabricando tendas (At 18.1-4). Até hoje, a expressão “fazedor de tendas” é usada para descrever aqueles que, a exemplo de Paulo, servem a Deus com duas vocações. No sábado, Paulo ia à sinagoga, onde falava, “persuadindo” judeus e gregos a respeito de Cristo (cf. At 18.4).

11 Para uma análise recente sobre a orientação teológica das cartas aos coríntios, veja Furnish, “Paul and the Corinthians”, p. 237-245. Cf. tb. Anthony C. Thistleton, *The First Epistle to the Corinthians*, NIGTC (Grand Rapids: Eerdmans, 2000), p. 41-52, 455-460.

Depois da chegada de Silas e Timóteo, Paulo deixou de precisar do trabalho secular e assim devotou-se integralmente ao esforço evangelístico intensivo. Um dos primeiros convertidos foi Crispo, o chefe da sinagoga. Subsequentemente, toda a família desse homem chegou à fé, além de muitos outros na cidade (At 18.8). Ao tornar-se alvo da oposição dos judeus, Paulo viu-se forçado a procurar outro lugar para as reuniões. Providencialmente, encontrou-o na casa de Tício Justo (provavelmente o “Gaio” de 1Co 1.14), que morava logo ao lado da sinagoga!

Mais tarde, os judeus arrastaram Paulo para a presença de Gálio (provavelmente o tribunal *bema* localizado na praça principal), onde o procônsul rejeitou as acusações e demonstrou seu desgosto pelos judeus fingindo não ver que seu novo chefe, Sóstenes, estava sendo açoitado na rua. (Veja tb. meus comentários sobre Sóstenes em 1.1.) No total, Paulo atuou em Corinto durante dezoito meses (At 18.11), período no qual também escreveu 1 e 2 Tessalonicenses. É digno de nota que, em seguida, outra igreja foi fundada no porto oriental de Corinto em Cencreia (cf. Rm 16.1). Não se sabe ao certo se Paulo contribuiu para isso durante essa sua primeira visita ou em algum momento posterior. Ao fim da primeira visita de Paulo, Apolo, um pregador eloquente de Alexandria (At 18.24–19.1), assumiu a liderança da comunidade. Na certeza de ter deixado a igreja em boas mãos, Paulo foi então para Éfeso, onde desfrutou do ministério mais longo entre todos os que cultivou.

Muitos instrutores, mas poucos pais

Nas palavras do próprio Paulo, seu relacionamento com a igreja de Corinto assemelhava-se ao de um pai com um filho rebelde. Para entender a ocasião que levou à escrita de 1 Coríntios, é necessário delinear o envolvimento contínuo de Paulo com essa comunidade depois de sua partida em direção ao que se tornaria um ministério duradouro e frutífero em Éfeso. Embora de fato grande parte disso esteja sujeita a discussão, o melhor que se pode fazer aqui é destacar os detalhes mais óbvios.

1. Integrantes da casa de Cloe relataram que havia conflitos entre alguns dos irmãos (1Co 1.11).
2. Embora tenha prometido uma segunda visita (1Co 4.19), Paulo não teve oportunidade de vê-los novamente antes de escrever 1 Coríntios.
3. Depois de sua visita inicial, conforme descrito acima, Paulo escreveu uma carta à igreja na qual ele aparentemente advertiu os coríntios de não se associarem com pessoas imorais (1Co 5.9). Essa carta foi mal interpretada pelas pessoas e exigiu explicações adicionais em 1 Coríntios 5.10-11. Não há provas incontestáveis de que essa carta anterior tenha sobrevivido ou sido incorporada, de alguma forma, no texto canônico do livro de 1 Coríntios, como sugerem alguns.¹²

12 P. ex., cf. James Moffatt, *Introduction to the Literature of the New Testament* (Edimburgo, Escócia: T. & T. Clark, 1918), p. 109. Cf. tb. Furnish, “Paul and the Corinthians”, p. 229-245.

4. Paulo recebeu uma carta com várias perguntas (observe a repetição da expressão “quanto a...”, 1Co 7.1,25; 8.1; 12.1; 16.1). A primeira referência complementa com “ao que vocês me escreveram”, deixando claro que Paulo está se reportando à carta deles em suas respostas detalhadas no restante de sua epístola.¹³ É bem possível que essa carta tenha sido entregue a Paulo pelos três homens citados em 1Coríntios 16.17 (veja meus comentários sobre essa passagem).
5. Depois de redigir 1Coríntios, Paulo enviou Timóteo para verificar as condições na igreja, levando o alerta de que, caso necessário, o apóstolo iria para lá pessoalmente, a fim de lidar com a carnalidade dos cristãos (1Co 4.17-19; 16.10-11; At 19.22). Não se sabe se Timóteo chegou a fazer isso. Ele também pode ter pedido a Apolo (que já saíra de lá) que tirasse um tempo para ajudar com a situação (1Co 1.12).
6. Diante da aparente falta de solução para os problemas, Paulo foi obrigado a cumprir sua ameaça e fa-

13 Contra Margaret Mitchell, “Concerning *Peri de* in 1 Corinthians”, *NovT* 31, 1989, p. 229-256. Isoladamente, a expressão pode significar apenas a introdução de um novo tópico, mas a referência adicional à carta de seus leitores e sua atenção às questões que esta continha argumentam em favor do ponto de vista da maioria dos intérpretes de que Paulo está escrevendo em resposta às indagações que lhe foram feitas. Cf. Kirsopp Lake, *The Earlier Epistles of St. Paul: Their Motive and Origin*, 2. ed. (Londres, Inglaterra: Rivingtons, 1914), p. 136. Mesmo assim, concordo com Mitchell que a carta de Paulo não foi “organizada” de acordo com a carta que ele recebeu. Em vez disso, a epístola organiza-se em torno do apelo de Paulo em favor da unidade. Veja tb. Insawn Saw, *Paul’s Rhetoric in 1 Corinthians 15* (Lewiston: Mellen Biblical Press, 1995), p. 180ss.

- zer-lhes uma rápida, mas dolorosa, visita (2Co 2.1-4; 12.14; 13.1-2).
7. Depois de seu retorno, Paulo enviou uma terceira carta a Corinto, de natureza tão severa que mais tarde ele parece ter se arrependido de tê-la escrito (2Co 2.4). Essa carta foi levada por Tito, que deveria se encontrar com Paulo em Trôade para fazer-lhe um relatório da situação. Essa (como a carta inicial mencionada em 1Co 5.9) se perdeu e talvez até tenha sido destruída depois da visita final de Paulo à igreja.¹⁴
 8. Ao não conseguir encontrar-se com Tito em Trôade, a ansiedade de Paulo alcançou tal intensidade que ele se viu incapaz de pregar, mesmo tendo a oportunidade (2Co 2.12-13). Apressou-se então para ir à Macedônia, encontrando Tito no caminho. O relatório que este lhe deu foi muito encorajador. Assim, Paulo imediatamente sentou-se para escrever 2Coríntios, a fim de expressar seu grande alívio pela melhora das condições (2Co 2.13-14; 7.5-16) e para tratar de alguns dos problemas restantes, já antecipando uma nova visita.¹⁵

14 É importante observar que não estamos dizendo que essas são cartas “canônicas” que se perderam para a igreja. Antes, afirmamos que Paulo escreveu cartas, provavelmente duas, que nunca foram inspiradas e nunca foram escolhidas pelo Espírito Santo para integrar as Escrituras. Uma das evidências para isso é o fato de terem se perdido. Veja Mateus 5.18-19. Na verdade, o próprio Paulo cogita se não teria sido severo demais.

15 Furnish divide 2Coríntios em duas cartas: os capítulos 1-9 teriam sido escritos em resposta ao relatório positivo de Tito, enquanto os capítulos 10-13 constituem uma carta diferente, escrita apenas depois de Paulo ter ficado alarmado com os esforços de subversão por parte de mestres rivais

9. Depois dessa carta, Paulo realizou sua última visita registrada ao passar o inverno em Corinto a caminho de Jerusalém, para onde levaria as ofertas levantadas para os pobres (At 20.1-4).

Muitas perguntas, preocupações profundas

Mediante o que acabamos de ver, percebe-se que 1Coríntios foi gerada por pelo menos dois fatores. Em primeiro lugar, duas fontes tinham informado Paulo sobre as divisões que estavam acontecendo na igreja (1Co 1.11; 16.17). Esse sectarismo provavelmente brotou mais do espírito sofista que reinava em Corinto e menos de tendências judaizantes (como na Galácia). Há muito tempo, a cultura grega caracterizava-se pela existência de facções.¹⁶ Os gregos discutiam em torno de política, esportes e filosofia.¹⁷ Assim, não é de surpreender que tenham levado esse hábito para dentro da igreja. Paulo mostrou-lhes que isso era incompatível com o evangelho de Cristo (1Co 1.18-25). Era contraproducente para seu impacto como nova comunidade naquela cidade corrompida. E era tolice quando comparado com o destino

(Furnish, "Paul and the Corinthians", p. 230-232). Reconheço as evidências internas que fundamentam essa proposta, mas não vejo razão para romper a estrutura canônica do texto da forma que o recebemos. Mais especificamente, as referências à coleta nos capítulos 8 e 9, em conjunto com a terceira visita prevista (2Co 13.1), alinham-se melhor com a reconstrução adotada aqui.

- 16 Arthur Penrhyn Stanley, *The Epistles of St. Paul to the Corinthians* (Londres, Inglaterra: John Murray, 1876), p. 8.
- 17 Veja tb. a útil análise em Stambaugh e Balch, *The New Testament in Its Social Environment*, p. 157-160.

escatológico de todos os santos “ao ressoar da última trombeta” (1Co 15.52). Um subtexto importante desse debate também diz respeito à autoridade de Paulo como seu pai espiritual e “apóstolo” de Cristo.¹⁸

Em segundo lugar, Paulo recebera uma carta da comunidade pedindo respostas a uma série de perguntas, que ele se sentiu obrigado a atender. Além desses fatores, aparen-

18 Dado o interesse gerado pelas questões de gênero contemporâneas, muito já se falou sobre a análise das relações de poder no pensamento paulino. Veja, p. ex., V. K. Robbins, *The Tapestry of Early Christian Discourse* (Londres; Nova York: Routledge, 1996), p. 220-229. Nessas análises ideológicas, o intérprete procura criticar os *verdadeiros* motivos de Paulo como um companheiro do primeiro século o faria. O principal interesse nesse tipo de análise é descobrir qual era a “intenção” de Paulo, e não tanto o que ele de fato escreve. Assim, busca-se fazer a exegese do *subtexto* em vez do *texto* da carta de Paulo. Desta forma, o intérprete coloca-se acima do texto, a exemplo do que um psicoterapeuta moderno faz com seu paciente. Tira-se a autoridade do texto para colocá-la no exegeta. O presente intérprete aceita a voz de autoridade de Paulo no texto como presumida e – para usar as categorias de Robbins – entende o texto como *representativo*, e não *gerador* da situação em Corinto. Em outras palavras, o texto corretamente *relata* a respeito de questões históricas e sociais em vez de *criar* uma realidade histórica e social que sirva a determinado objetivo ideológico. Dito isso, na última década deu-se grande atenção à análise sociológica e retórica de 1 e 2Coríntios. Embora eu seja grato por esse trabalho e concorde que ele tenha trazido percepções novas para nosso entendimento a respeito dessas cartas, concordo também com Graham Tomlin, que diz: “Para ser justo com os estudiosos mais antigos, essas abordagens mais recentes também não respondem a todas as perguntas. Mais especificamente, há o perigo de que uma abordagem puramente sociológica ou retórica tenha a tendência de ignorar o que foi descoberto em estudos anteriores, a saber, a existência de uma divergência *ideológica* real de Corinto em relação a Paulo” (Graham Tomlin, “Christians and Epicureans in 1 Corinthians”, *JSNT* 68 [1997], p. 51-72). Como vimos aqui, há um perigo real de reduzir os escritos de Paulo a um exercício em pragmatismo, perdendo de vista a autoridade apostólica implícita em suas cartas – isso sem falar da sua autoridade como Escritura inspirada.

temente havia ainda outros relatos não registrados que lhe causaram preocupação. Assim, com a pena na mão, Paulo propôs-se a repreender o partidarismo na comunidade e encorajá-los à pureza moral e à unidade espiritual.

Paulo, chamado para ser apóstolo

A autoria de 1Coríntios está tão bem documentada que basta um resumo breve aqui. As evidências externas derivam de referências à carta a partir do primeiro século. Clemente de Roma, a *Epístola de Barnabé* (3.1,16), *A Didaquê* (cap. 10), Policarpo, Hermas, Justino Mártir, Atenágoras, Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, o Cânon Muratoriano, Marcião e os antigos textos siríacos e latinos atestam a autoridade e a autoria paulina de 1Coríntios.

As evidências internas são igualmente fortes. O próprio autor se identifica como Paulo (1.1; 3.4,6,22; 16.21). A carta harmoniza bem com os relatos de Lucas em Atos e com as outras cartas paulinas. Há menções frequentes a contemporâneos de meados do primeiro século (eliminando assim falsificações do séc. II). Essa é, sem dúvida, uma obra genuína de Paulo, o apóstolo dos gentios.

Ficarei em Éfeso até o Pentecostes

Também é fácil discernir a data e o lugar em que a carta foi escrita. O próprio Paulo conta que 1Coríntios foi escrita em Éfeso (1Co 16.8-9,19). O pós-escrito no Textus Receptus e na versão King James provavelmente se deve a um

entendimento equivocado de 1Coríntios 16.5. Se tivesse sido escrito mais para o fim da estada de Paulo em Éfeso, a época seria a primavera do ano 55. Essa proposta baseia-se no fato de Paulo dizer que ficará em Éfeso até o Pentecostes (1Co 16.8) e que, por volta do Pentecostes do ano 56, ele estava em Jerusalém (At 20.16). Nesse ínterim, fez uma visita rápida a Corinto (2Co 2.1-4), passou algum tempo na Macedônia (At 20.1-6), escreveu 2Coríntios (outono de 55) e veio a Corinto algumas semanas mais tarde, ficando por cerca de três meses. Passou o período da Páscoa de 56 em Filipos, já a caminho de Jerusalém (At 20.6).

Chamados à comunhão

O tema de 1Coríntios, a mais longa das cartas de Paulo, é que os cristãos são “chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo” (1.9). Essa *koinonia* à qual foram chamados não está em refeições conjuntas na igreja ou em reuniões de grupos pequenos. Trata-se de, junto com seu Salvador, participar de uma comunidade e de uma missão que os diferencia de todas as outras pessoas. E é precisamente essa comunhão que os une à cruz e à ressurreição por meio de um amor permanente. Por causa da cruz, já não pertencem mais a este mundo. E um entendimento correto da ressurreição os ajudará a perceber que não podem esperar a concretização das glórias do reino antes que o Rei volte e eles recebam “de Deus” aquilo que jamais conseguirão realizar

por meio de conquistas ou habilidades humanas inatas.¹⁹ É justamente nesse aspecto que seu pai espiritual os critica. Ele está profundamente perturbado pelo fato de que esses crentes parecem não entender a natureza do evangelho, que se concentra na cruz e no túmulo vazio, não em espiritualismo e autoexaltação.

Determinados termos são usados repetidamente, como “conhecimento”, “sabedoria”, “discernir”, “amar”, “santo” e “santificar”. Essas palavras revelam as questões prioritárias na mente do escritor. Desde os dias de Paulo, líderes cristãos têm extraído desse reservatório espiritual palavras revigorantes de aconselhamento, advertência e encorajamento para santos angustiados.

Ao longo de toda essa carta e também na seguinte, Paulo reflete a preocupação intensa de um pai espiritual que luta para levar seus filhos problemáticos de volta à comunhão e à submissão. Nesse aspecto, as imagens que ele usa são fortes: “irmãos”, “pai”, “filhos”, “mãe que amamenta”, “servo”.²⁰ Com isso, a grande preocupação é prática, do começo ao fim, tomando forma de instrução, correção, exortação ou edificação. Mas em todo o livro também se vê o coraçoão desse grande apóstolo-pastor, estendendo as mãos,

19 Anthony C. Thiselton, “Luther and Barth on 1 Corinthians 15”, *The Bible, the Reformation and the Church* (Sheffield, Inglaterra: Sheffield Academic Press, 1995), p. 258-289, segue o argumento de Barth de que a expressão “de Deus” (veja, p. ex., 1Co 4.5) constitui o “nervo secreto” de toda a carta. É no capítulo sobre a ressurreição que tudo se junta, formando o tecido que une todos os fios e ideias levantados ao longo da carta.

20 Veja Furnish, “Paul and the Corinthians”, p. 234-235; B. K. Peterson, “Conquest, Control, and the Cross”, *Interpretation* 52, n° 3 (jul. 1998), p. 258-270.

de forma decidida, para seu rebanho desviado, mas sempre com amorosa afeição.

O que significa ser a “igreja de Deus que está em Corinto”?

Seja em doutrina, repreensão, correção, seja na instrução na justiça, Paulo responde, ao longo de toda a carta, à pergunta sobre o que significa – individual e coletivamente – ser um santo em um mundo pecaminoso. Ele lida alternadamente com essas questões, na medida em que servem ao seu propósito de chamar os coríntios “à comunhão”. Ele oferece conselhos não solicitados (caps. 1-6, 15) e solicitados (caps. 7-14). Os coríntios haviam pedido sua orientação em relação a uma série de problemas que estavam enfrentando, e Paulo respondeu a essas perguntas, mas só depois de dirigir a atenção deles para alguns problemas dos quais não tinham consciência ou com os quais pelo menos não se importavam. Essa carta segue um padrão familiar para Paulo (cf. 2Tm 3.16), de repreensão (caps. 1-4), correção (caps. 5-6), instrução (caps. 7-15) e ensino (cap. 15). Seu capítulo sobre a ressurreição tratava do problema doutrinário que certo indivíduo na assembleia parecia ter com o conceito da ressurreição física (cap. 15). Esse é o único “erro” doutrinário em si que Paulo precisou tratar na carta, e essa questão não parece ter sido uma das que tinham sido apresentadas a ele.

No entanto, como outros já observaram, é um erro sugerir que as questões teológicas ou, nesse caso, práticas le-

vantadas e desenvolvidas nessa carta sejam algo que o escritor considera de forma *ad hoc*. A epístola inteira exibe um “pulso teológico”.²¹ Esse é um padrão comum em todas as cartas de Paulo: a conjugação do ensino doutrinário com o aconselhamento prático. A maioria de suas cartas mais curtas podem ser facilmente divididas em duas partes: a doutrinária e a prática. Nessa epístola – bem mais longa –, o autor parece ter entremeadado a doutrina e a prática, elaborando uma tapeçaria em que teologia e exortação se entrelaçam. Depois de uma breve introdução, o livro começa com um discurso sobre a sabedoria da cruz (1.18–2.16), que estabelece a base para a repreensão às divisões, o desafio à unidade e a exortação à pureza. Também há o ensino prático sobre os dons espirituais (caps. 12-14), que gira em torno da teologia do amor (cap. 13). Por fim, temos o capítulo sobre a ressurreição (cap. 15), que serve de contrapartida escatológica à discussão sobre o evangelho no começo. Juntas, elas como que abraçam a carta inteira.

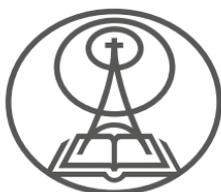
O pensamento ocidental moderno tem a ideia errada de que “teoria” e “prática” tem pouco ou nada a ver uma com a outra. Algumas pessoas – até mesmo em igrejas evangélicas – orgulham-se de desdenhar da teologia em favor de dar instrução “prática” às pessoas no que diz respeito a como lidar com problemas em sua vida, família e igreja. Uma visita a qualquer livraria cristã mostrará, com facilidade, a popularidade desse tipo de alimento. Paulo mostra que ele rejeitaria tal metodologia compartimentada. Pensamen-

21 Furnish, “Paul and the Corinthians”, p. 236-237.

to correto e ação correta são dois lados da mesma moeda. Sem doutrina, ficamos à deriva nos mares da modernidade – vítimas de todo “vento de doutrina”. Sem a apropriação fiel da verdade em nossas ações, ficamos trancados em uma torre de marfim, muito distantes da realidade do mundo no qual somos chamados a servir a Cristo. Os escritos de Paulo nos oferecem o equilíbrio perfeito entre doutrina/teologia e instrução prática. Ele nunca levanta um muro de separação entre elas.

O tema da carta, como já observado, é resumido em 1.9: “Fiel é Deus, pelo qual vocês foram chamados à comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”. Essa é, em poucas palavras, a essência da mensagem de Paulo aos coríntios. E é por essa verdade que ele os chama a “discernir o que está envolvido em pertencer a Cristo dentro do contexto de uma sociedade incrédula. De uma forma ou de outra, todos os problemas tratados nesses capítulos refletem as dificuldades que surgem pelo fato de os crentes serem chamados a ser agentes do amor de Deus em um mundo ao qual na realidade não pertencem e que, na opinião de Paulo, está passando rapidamente”.²²

22 Ibid., p. 241.



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site

loja.chamada.com.br

COMO VIVER PARA CRISTO EM UM MUNDO PECAMINOSO?

A igreja de Corinto estava longe de ser o modelo ideal de uma igreja apostólica do primeiro século. Ela foi plantada em uma das cidades mais desafiadoras e complicadas do mundo romano. A palavra grega *korinthiazomai* (lit., “agir como um coríntio”) até veio a significar “cometer fornicação”. Foi a essa igreja jovem e florescente, com todo o seu potencial e todos os seus problemas, que Paulo escreveu a primeira carta aos Coríntios.

V. P. Furnish resume o desafio fundamental que Paulo enfrentava aonde quer que levasse o evangelho: como aqueles que foram chamados para pertencer a Cristo podem se manter fiéis ao seu novo Senhor ao mesmo tempo que precisam continuar participando, de tantas formas, da presente era?

Os desafios enfrentados pela nova comunidade de cristãos em Corinto não são diferentes dos desafios enfrentados pela igreja do século XXI. As questões de unidade da igreja, imoralidade sexual, casamento, divórcio, litigiosidade, modéstia, autoridade, dons espirituais e esperança são algumas das quais toda igreja lida ao enfrentar os problemas do dia a dia dos cristãos modernos. Assim como o grande apóstolo escreve aos coríntios sobre assuntos de fé, vida e ministério cristãos, ele fala claramente e em voz alta para nós através deles. Assim, ele nos desafia a sermos “firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor” (1Co 15.58).



BÔNUS:

QUESTÕES PARA ESTUDO

Acesse gratuitamente no QR Code ou em www.chamada.com.br/1corintios-estudo e baixe esta ferramenta para seu estudo pessoal ou em grupo.



ISBN 978-65-89505-19-8



9 786589 505198